



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade.

Sub-Eixo: Ênfase em Gênero.

APRISIONAMENTO E LIBERTAÇÃO FEMININA ENTRE VERSOS E PROSAS

Josiene Camelo Ferreira Antunes¹

Maria José Pereira Rocha²

Resumo: Esta dissertação é o resultado de um projeto de pesquisa que eclode com a experiência pessoal e profissional. Seu objeto de estudo é estratégias de redescritção do filme “A Cor Púrpura”, que nasce na problemática de questionar como se apresenta o silenciamento e aprisionamento feminino? Se propõe a investigar se há ou não um processo de libertação das vozes silenciadas e que elementos sinalizam esse processo na obra. A proposta é promover uma discussão entre Serviço Social e as intersecções de gênero, aprisionamento feminino, libertação feminina, narrativas, dentre outras. Foi escolhido o filme: “A Cor Púrpura”, para o aprofundamento dessas questões. Ao propor o debate entre o filme que aborda sobre a mulher negra que é submissa primeiramente ao pai e depois ao marido, essa mulher é violentada fisicamente, espiritualmente e mentalmente. O tema principal a ser analisado tem como base a voz silenciada da personagem feminina Celie, essa voz se compreende como aprisionamento vivenciado de opressão no decorrer das fases da vida como: infância, adolescência e vida adulta. Essa pesquisa objetiva externar sobre as expressões de aprisionamento feminino, relacionando com o filme para assim explicar as vozes silenciadas na narrativa.

Palavras - chave: Gênero, Mulher, Aprisionamento Feminino, Libertação Feminina e Narrativas.

Abstract: This dissertation is the result of a research project that breaks with personal and professional experience. Its object of study is strategies of redescription of the film "The Purple Color", that is born in the problematic of questioning how is presented the silencing and feminine imprisonment? It proposes to investigate whether or not there is a process of releasing silenced voices and what elements signal that process in the work. The proposal is to promote a discussion between Social Service and the intersections of gender, female imprisonment, female liberation, narratives, among others. The film was chosen: The Color Purple, for the deepening of these questions. In proposing the debate between the film that addresses the black woman who is submissive first to the father and then to the husband, this woman is violated physically, spiritually and physically. The main theme to be analyzed is based on the silenced voice of the female character Celie, this voice is understood as experienced imprisonment of oppression in the course of the phases of life as: childhood, adolescence and adult life. This research aims to express the expressions of female imprisonment, relating to the film to explain the silenced voices in the narrative.

Key words: Genre, Women, Female Imprisonment, Women's Liberation and Narratives.

INTRODUÇÃO

A mente que se abre a uma nova ideia nunca mais volta ao seu tamanho original.
(Albert Einstein)

No que tange o aprisionamento feminino refere-se às diversas formas de prisão³, a compreensão sobre a temática é plural. Pois há diversas formas de aprisionar uma mulher

¹ Estudante de Pós-Graduação, PUC –GO, E-mail: josieneantunes@hotmail.com.

² Professor com formação em outras áreas, PUC –GO, E-mail: josieneantunes@hotmail.com.

³ Há diversas formas de prisões tais como: cultural, psicológica, econômica e social
www.pastoralcarceraria.org.br, acessado em 14.02.2019.

levando em consideração seu convívio social, econômico, religioso e cultural.

O tema principal a ser analisado tem como base a voz silenciada da personagem feminina Celie, essa voz se compreende como aprisionamento vivenciado de opressão no decorrer das fases da vida como: infância, adolescência e vida adulta.

Escrever e/ou falar sobre o universo feminino não é uma tarefa nada fácil, já que não se pode negar as diversas vozes que compõe o feminismo, o que o leva a significar sempre diferentes coisas para diferentes pessoas. E, por mais que se saiba que a luta feminina em busca de mudanças na sua posição social tenha provocado a mais significativa revolução cultural do século XX, a contradição que existe entre a posição alcançada por elas na sociedade contemporânea e sua respectiva representação, faz-se presente em quase todas as áreas sociais como um reflexo das relações de gênero, relações de desigualdade entre os seres humanos, construídas socialmente, e determinadas histórica e culturalmente, representando, assim, discursivamente a condição da mulher como o reflexo de uma visão conservadora e discriminatória, formas de silenciamento e exclusão (PIRES, 2000, p. 01).

O silenciamento e a exclusão ocasionada no ser feminino a leva às prisões e essa é uma forma de violência. Presas pelos valores, presas pela sociedade, presa na condição carcerária. E ao mesmo tempo são espontâneas, liberta em seus pensamentos, liberta em suas emoções (FERNANDEZ, 2001).

Nessa perspectiva “A Cor Púrpura” possibilita uma reflexão pessoal e coletiva que extrapola os limites das palavras. Apresenta o silêncio que fala além.... Dispensando a palavra. Há também aquelas ditas de forma indireta que quebram parte da solidez da dor, permitindo a abertura de lacunas que geram uma alternativa de alívio. Sendo assim, a personagem principal vive num processo de busca por algo não dito, apenas escrito em cartas.

Ao propor articular o filme na impossibilidade de descrever todas as cenas e falas, faz-se um recorte e destaque de algumas situações que retratam as relações de gênero, violência, aprisionamento e libertação de uma forma que os conceitos e teorias não alcançam, nem abrangem a totalidade a que se propõem ao tentar definir as diferenças entre aprisionamento e libertação, pois cada cena e cada fala abrem brechas para diversas discussões.

Além disso, a relevância desse estudo está ancorada as concepções relacionadas à protagonista do filme. A vida da mulher é constituída dentro de padrões de comportamentos específicos cobrados pela sociedade em que vivem, o que somente varia de acordo com a situação econômica e sociocultural. Nesse sentido, as dificuldades para mudar as situações são muitas, mas também são variadas as formas com que as mulheres falam sobre seu problema, procuram ajuda e por vezes conseguem transformar

a situação.

A sexualidade em nossa sociedade acompanha a própria história da humanidade. Em razão de sua complexidade essa temática é tratada de diversas formas de acordo com o viés assumido, moral, legal, histórico, social e político, o que lhe garante diferentes contornos e perspectivas. (FOUCAULT, 1998).

Nesta senda, a sexualidade vai além do corpo, constituindo-se como uma característica que está estabelecida e está presente na cultura e história do homem (COSTA e OLIVEIRA, 2011). Segundo Nunes e Silva (2006, p. 73) a sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas.

Nesse sentido, em consonância com os dados apontados, tem como objetivo principal verificar e analisar a presença da situação de aprisionamento da personagem feminina Celie.

Desse modo, esta pesquisa se insere no campo da área de estudos sobre gênero, aprisionamento, libertação e narrativas, apresentando fontes de referência de autores que trabalham essa temática: Alvin (2009); Buglione (2000), Butler (2008); Castells (1999); Chevalier (1999); Colambaroli (2006), Costa e Oliveira (2011), Chauí (2001), Evaristo (2011), Foucault (1987), Garcia (2006), Lima (2006), Minayo (2000), Morga (2001); Netto (1987), Nunes e Silva (2006), Priore (2011); Saffioti (2005); Santos (2002), Scott (2005), entre outros.

Esta pesquisa se insere no campo da área de estudos sobre gênero, aprisionamento, libertação e narrativas. Está estruturada em três capítulos. No primeiro traz-se o debate sobre os conceitos de aprisionamento e de libertação tanto da ótica científica como poética. Conceito de mulher e prisão, violência de gênero, patriarcado, movimento feminista, voz e silêncio. Nessa parte, apresentamos o debate entre as diferentes correntes teóricas

O segundo capítulo está ordenado de forma discutir sobre as rupturas e as transformações de vida nas narrativas do filme “A cor púrpura”, ressalta que os diálogos dos personagens expostos nesse capítulo foram retirados no próprio filme. Nesse contexto refletiu sobre a voz e o silêncio da personagem Celie.

No último capítulo analisou - se o conceito de Tecer a liberdade, a transformação de Celie, womanismo em “A Cor Púrpura”, entre versos e prosas.

1. APRISIONAMENTO E LIBERDADE

Que nada nos limite, que nada nos defina que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância. (BEAUVOIR, 1980 p. 97).

Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas.... Afinal, temos correntes em comum. (AUDRE LOURDES, 2018).

Aprisionamento para Marie-Victoire Louis (1999) é um sistema de dominação proxeneta que é a negação de direitos, os estupros, as violências, as torturas, os assassinatos praticados depois de séculos sobre as mulheres.

Aprisionamento no dicionário Aurélio (2002, p.33) significa ato ou efeito de aprisionar; apresamento; captura, presa, detenção, tomadia, sequestro, apreensão, apresamento, apropriação, arresto, carceragem, confinamento, detenção, encarceramento, encerramento, enclausuramento, prisão. A diversificação do significado de aprisionamento remete – se os motivos pelos quais as mulheres se encontram presas no poema de Meireles.

Quatrocentas mulheres
 Quatrocentas, digo, estão presas:
 Cem por ódio, cem por amor,
 Cem por orgulho,
 Cem por desprezo em celas de ferro,
 Em celas de fogo,
 em celas sem ferro nem fogo,
 Somente de dor e silêncio,
 Quatrocentas mulheres, numa outra cidade,
 Quatrocentas, digo, estão presas.
 (MEIRELES,1973, v8, p. 149)

Caracteriza-se aprisionamento a mulher ter sua vida anulada sobre as rédeas do pai e se casar e permanecer à mercê da imposição do marido. Pedroso (1997) considera aprisionamento a situação em que a mulher era obediente ao seu pai e ao seu esposo durante a vida, fazendo com que abrisse mão de seus sonhos em prol do outro. Essa conduta para Del Priore (2006) também é uma forma de se aprisionar, se limitando as condições impostas pelo parceiro. Hennicka (2018) considera que o relacionamento conjugal que sobrevive sobre ameaças é um casamento falido, ou seja, a mulher que se encontra nesse compromisso matrimonial por opressão está aprisionada. Essas circunstâncias podem ser consideradas aprisionamento para algumas pessoas e podendo ser considerada para outras uma forma de sobrevivência. Nessa perspectiva Da Matta (1982, p.14) afirma: “[...] confesso que essas questões me perturbam porque situa a prisão como parte da própria condição humana e da própria vida em sociedade”.

O aprisionamento apresentado aqui nos seus múltiplos sentidos vai além do intramuros de uma prisão. A proposta de reflexão trata assuntos referentes a essas tentativas de enquadramento da mulher, produções de subjetividades sobre elas que acabam por fechá-las e achatá-las em compactas definições e identidades que mais aprisionam do que libertam. Pensa-se produzir com este trabalho um estranhamento no que se refere ao tema do aprisionamento e liberdade, na medida em que não consigam, embora tentem reduzir esse conceito a uma cápsula de significados e essências, procurando

capturar a capacidade inventiva da vida.

Em razão disso, torna-se necessário conhecer essa realidade do ser feminino que ora é prisioneira e ora está em processo de liberdade. Dessa perspectiva Lispector afirma que:

“ [...]

- Ela é tão livre que um dia será presa.

- Presa por quê?

- Por excesso de liberdade.

- Mas essa liberdade é inocente?

- É. Até mesmo ingênua.

- Então por que a prisão?

- Porque a liberdade ofende”.

LISPECTOR (1978, p. 66).

Há uma contradição no significado de liberdade exposto no poema, pois, compreende-se que há o desejo de liberdade, mas, a liberdade em excesso pode aprisionar o ser mulher. Embora seja contraditório, toda mulher almeja conquistar a sonhada liberdade conforme Tiburi (2015).

A liberdade é algo que se deseja enquanto ela é um sentimento promissor, um sentimento de mais liberdade, um sentimento contrário ao sentimento de opressão. Uma liberdade que é liberdade sobre o próprio corpo, sobre a própria voz, sobre a própria expressão enquanto a liberdade é um movimento na direção da liberdade que, assim como a democracia e o feminismo, nunca está pronta.

A voz compreendida é da mulher que superou o período histórico da antiguidade até a contemporaneidade, conseguindo se empoderar e se libertar do aprisionamento que assolavam suas vidas. Muitas conseguiram superar o silêncio que por muito tempo foi vivenciada pelo ser feminino, a mulher não tinha direito de fazer suas escolhas tais como se vestir, escolher sua carreira profissional, com quem poderia se relacionar. Embora muitas se libertaram desse patriarcado, mas, na atual conjuntura segundo Del Priore (2016) há muitas mulheres que ainda vivem amordaçadas, não conseguiram quebrar o silêncio dentro delas mesmas, há uma historicidade por traz dessa mudez.

Orlandi (2007) ao significar o sentido do silêncio percebe-se que em alguns momentos da história, a mulher se calou para resistir e compreender o processo de sofrimento e tortura que era submetida, o silêncio a impulsiona dar voz aos desejos antes aprisionados.

2. AS RUPTURAS E AS TRANSFORMAÇÕES DE VIDA NAS NARRATIVAS DO FILME “A COR PÚRPURA”

Este capítulo privilegiará os momentos de ruptura e transformação das Protagonistas Celie e Nettie que irão demonstrar as transformações ocorridas em suas vidas. Para isso é necessário utilizar as categorias e conceitos tais como: violência, patriarcado, memórias e redescrção.

O filme retrata uma realidade vivenciada pelas mulheres negras no fim do século XIX e início do século XX nos Estados Unidos, enfatiza a mulher negra e semianalfabeta que foi criada em uma cultura sulista. “A Cor Púrpura”⁴ retrata a vida de duas irmãs Celie e Nettie.

A obra recebeu o título “A Cor Púrpura” por significar transformação. Em vários momentos da trama perceber-se-á essas transformações ao que diz respeito à protagonista. A cor púrpura neste capítulo descreve o pigmento como a mais singular e extravagante de todas as cores. E por ser uma cor de tonalidade marcante, as pessoas mais a rejeitam do que a apreciam. É roxo, púrpura, violeta ou lilás. É considerada a cor da magia, da teologia, do feminismo e do movimento gay. Do poder, da penitência e da sobriedade. Está ligada ao mundo místico e significa espiritualidade, magia e mistério. A púrpura transmite a sensação de tristeza e introspecção. Estimula o contato com o lado espiritual, proporcionando a purificação do corpo e da mente, é a libertação de medos e outras inquietações. É a cor da transformação evidenciada no filme.

Com base nessa compreensão, buscou-se a utilização do filme “A Cor Púrpura” como um instrumento, uma chave da qual a autora se apropria para entender e elaborar um enfoque que dê conta de articular o feminismo, o aprisionamento e a libertação contribuindo, assim, para ampliar o horizonte sobre as questões tão relativas às mulheres. Essa é a escolha. Optou-se pela redescrição por poder contar, recontar uma história podendo dar asas à imaginação.

Celie é descrita como mulher negra, pobre, semianalfabeta, caipira, violentada e estéril. Vendida por seu pai Alphonso para um homem mais velho conhecido pelo nome de Sinhô, o mesmo é pai de 4 crianças mal-educadas. O ciclo da violência foi reproduzido pelo marido que submete à exploração doméstica, humilhações, discriminações, racismo, estupros e espancamentos.

Nettie é a irmã caçula de Celie, ela é narrada como uma menina negra bonita, sorridente, inteligente e atraente. Despertava desejos sexuais em seu pai e em seu cunhado.

A protagonista Celie teve seu direito negado e por ser uma criança negra sofre com o racismo que continua na adolescência e vida adulta. Aos 14 anos é abusada sexualmente pelo próprio pai, em consequência teve três gestações indesejadas e ao conceber cada filho não teve o direito de conhecê-los, pois, ambos foram retirados de seus braços logo após o nascimento. O primeiro filho foi morto pelo próprio pai e os outros sobreviventes foram doados sem o consentimento da mãe e foram adotados por um casal que não podia ter

4- “A Cor Púrpura” (em: *The Color Purple*), é um filme estadunidense de 1985, do gênero drama dirigido por Steven Spielberg baseado no romance epistolar da premiada afroamericana Alice Walker, que trata de questões de aprisionamento e libertação feminina.

filhos. Destacam-se violações contra a mulher, sendo descrita como objeto a disposição do homem.

Logo após o casamento, Nettie passou a morar com Celie. Essa jovem negra bem apresentada e alfabetizada passa a conviver na residência de sua irmã e aproveita o curto espaço de convivência na casa da irmã para alfabetizá-la. Apesar das diferenças ambas nutriam um sentimento recíproco e fraterno.

Albert, marido de Cellie, um homem perverso, agressivo, cruel, infiel, violento e rude, usava de sua força bruta para perseguir sua cunhada. Ela não se submetia às violências do cunhado o que levou a sua expulsão da casa da irmã.

Celie possuía uma visão periférica sobre a sexualidade e compreendia o ato sexual como uma das obrigações de esposa. Isso fica claro na seguinte frase: “Sinhô trepa em cima de mim, faz o serviço dele, dez minuto depois a gente tá dormindo”.

Essa rotina permeava a vida de Cellie que constantemente era humilhada pelo marido que a insultava dizendo: “Você é negra, pobre, mulher, você não é nada”. Em ato de socorro para se libertar emocionalmente, escreve cartas endereçadas no primeiro momento a Deus e no segundo momento à sua irmã. Essas escritas não foram enviadas, era uma forma que encontrava para aliviar sua alma.

Além disso, a infidelidade pelo marido não era ocasional, Albert possuía uma amante com o nome de Sugar e por ela realmente nutria sentimentos. Ultrapassando todos os limites de desrespeito com sua esposa, ele decide levar a amante, que se encontrava doente, para morar em sua residência com sua família. Celie não pode questionar a decisão do marido, porque ele a tratava como doméstica e objeto sexual. No início a amante também trata Celie como uma serviçal, mas com a convivência o improvável acontece, a convivência diária entre esposa e amante, ambas, passam a ser amigas. Sugar tratava Celie com respeito e carinho. Essa convivência despertou um sentimento em Celie que nunca havia imaginado e sentido antes. Apaixonou pela amante de seu próprio marido.

“A primeira vez que eu vi um corpo negro inteiro foi o da Docí Avery com os bicos do peito que nem ameixa preta, parecendo a boca dela, eu pensei que eu tinha virado homem... [...] mEu lavei o corpo dela, parece que eu tava rezando. Minhas mãos tremiam e minha respiração ficou presa [...]”

Essa relação paradoxal é o início da emancipação de Celie, pois Sugar, uma mulher independente, com uma vivência desacerbada colabora para o rompimento do ciclo de violência cometido contra a protagonista.

Além disso, o título do filme não foi escolhido aleatoriamente, “A Cor Púrpura” representa o racismo, a submissão e a violência. É o marco histórico das mulheres sulistas dos Estados Unidos e que perpetua até o presente momento. Contudo, demonstrou a

trajetória da mulher do passado submissa e explorada para a mulher contemporânea, em relação à violência cometida sob o viés da sexuação.

Com tantos adjetivos e tabus sobre “A cor púrpura”, é necessária uma visão desprovida de preconceitos que possa enxergar além do olhar, é preciso olhar com os olhos da mente, para poder enxergar além do que se vê. E para quebrar essa barreira sobre a cor púrpura se faz necessário vencer o preconceito instalado dentro de nós e somente após ter vencido essa barreira poderá enxergar além.

Sendo assim, protagonista conseguiu romper com as violências e abusos sofridos na trajetória de sua vida desde a infância até a maturidade, ela foi capaz de desatar as amarras de sua vida que era um aprisionamento e essa ruptura possibilitou práticas de superação, libertação e empoderamento feminino. Celie passa a ter voz, mas, por muito tempo necessitou se silenciar.

3. TECER A LIBERDADE

‘No meio do caminho tinha uma pedra’,
 mas a ousada esperança
 de quem marcha cordilheiras
 triturando todas as pedras
 da primeira à derradeira
 de quem banha a vida toda
 no unguento da coragem
 e da luta cotidiana
 faz do sumo beberagem
 topa a pedra-pesadelo
 é ali que faz parada
 para o salto e não recuo
 não estanca os seus sonhos
 lá no fundo da memória,
 pedra, pau, espinho e grade
 são da vida um desafio
 e se cai, nunca se perdem
 os seus sonhos esparramados
 adubam a vida, multiplicam
 são motivos de viagem (EVARISTO, 1992, p. 32-33).

Tecer a liberdade é romper com as pedras colocadas pelo caminho que em algum momento ocasionaram o aprisionamento feminino. Tecer a liberdade é ter a ousadia para se ter esperança e lutar pela possível libertação feminina. O poema “Pedra, pau, espinho e grade” se compara com os caminhos percorridos pela personagem Celie, que necessitou tecer seu destino após ter conseguido enfrentar seu marido e romper com o círculo de violência e com as diversas formas de aprisionamento.

O sentido da palavra *tecer* que será refletido neste capítulo é construir as próprias narrativas da vida de Celie, colocar-se no centro do próprio caminho e perceber-se como capaz de criar, criar-se e buscar um caminho de inserção social. Liebig (2012) associa a inserção social ao que tange ao ganho de voz feminina. E essa voz que fala não é somente

uma voz, é a voz de um corpo negro feminino que fala, que cria, narra; e isso se aproxima das palavras de Evaristo que afirma:

A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem - o hoje - o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 o eco da vida-liberdade (EVARISTO, 2008, p.10).

Assim como a voz do poema de Evaristo, Celie ecoa sua voz que por um grande período de sua vida esteve engasgada e a libera para si. E ao dar voz sua própria voz, consegue ser notada e inicia-se o processo de libertação. Essa descoberta faz com que teça um novo significado para sua história. A discussão sobre tecer a liberdade se faz necessária por resgatar a voz da personagem Celie que rompe com o passado aprisionado e trilha um novo caminho e perspectivas libertárias. Dessa forma o poema “Tecendo palavras” de Silvestre (2011) contempla a forma que Celie realiza o tecido de sua vida.

Vou tecendo palavras com fios de vida. Novelos de várias cores do passado presente e futuro. Tenho um novelo de fios de sonho com o qual teço as palavras que os fios da vida não me dão crença palavras tecidas com fio do futuro ficam transparentes inertes paradas. São as que utilizo para entrelaçar os pontos finais do passado...

Teço palavras com o fio do presente que me enchem folhas com um olhar interrogativo. Teço palavras com fio do passado que me magoam me arrepiam vindas lá do altar das lembranças esquecidas.
<https://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=189553>

A poesia exposta revela mais uma vez a forma que Celie tece sua vida. Pois, as cenas expostas pelo filme mostram a personagem desde sua infância entrelaçando a violência sofrida com a sobrevivência. Os fios citados no poema se comparam com os caminhos percorridos desde suas formas de aprisionamento com a possível libertação.

Nesse sentido, a vida presenteia Celie com o direito de se reinventar, de refazer seus sonhos, tecendo outros fios. Esses fios de esperança se enlaçam com a poesia de Pimentel (2019) que estimulam a contribuição de novos fios.

Teço palavras porque acredito na força que elas têm.
 Teço palavras porque sinto tudo o que escrevo.
 Teço palavras porque a vida pode ser desenhada por elas.
 Teço palavras porque elas reinventam.
 Teço palavras porque elas revelam.
 Teço palavras porque elas traduzem, elas marcam.

Teço palavras porque escrever, também é sonhar e sonhar é viver!
 Então, que teçamos e sonhemos, pois assim a vida pulsa.
 Assim a gente tece a vida com seus sabores e dissabores, alegrias e tristezas,
 saudades, inícios e fins, chegadas e partidas, começos e recomeços, fios
 entrelaçados e fios soltos.
 Assim, a gente vive, tecendo palavras, tecendo sonhos.

O poema anterior sugere várias modalidades de tecer com palavras por diversas situações tais como: força, sentir, vida desenhada, reinventar, revelar, traduzir, marcar, escrever, sonhar e viver tanto com as emoções alegrias e tristezas, entrelaçando todos os fios soltos. As últimas palavras do poema são “tecendo sonhos”, assim como a protagonista do filme que tece suas ideias e fantasias, e esses sonhos se intensificam após a descoberta que seu pai na realidade é seu padrasto.

4. CONCLUSÃO

Concluir um trabalho é algo muito complexo e mais ainda quando se trata do assunto no qual foi refletido: que é aprisionamento e a libertação feminina. A todo o instante enveredar-se por caminhos árduos, porém instigantes para se refletir.

Dessa forma, não é uma conclusão, mas, uma síntese dos passos iniciais para o avanço acadêmico que poderá nortear outras pesquisas científicas. Enfim, o contato direto com a obra “A Cor Púrpura” resulta em superação tanto da personagem como da autora da dissertação.

Pois o filme narrou a história de uma menina negra que sofreu muitas violações e explorações no âmbito familiar em todos os sentidos tais como: social, cultural, política e econômica. Essa menina mulher negra e invisível foi objeto sexual e estava em uma posição desconfortável na qual não gostaria de estar.

No decorrer desta dissertação foram analisadas diversas formas de aprisionamento e libertação da personagem Celie, que procuravam evidenciar todos os movimentos que levaram a personagem para a possível libertação tais como: a escrita através das cartas, a voz, o amor por Sugar, o desejo de reencontrar os filhos, o womanismo, o enfrentamento com o marido, o empreendedorismo e a sensação de liberdade.

Contudo, retrata as inquietações das mulheres diante dos diversos aprisionamentos de vida que são lhe impostas a cada segundo, independentemente de cor, raça, religião, posição social e econômica. Ambas travam em seu cotidiano diário um enfrentamento com o aprisionamento. Deve-se frisar que Celie não era considerada como pessoa, e sim um objeto. O padrasto e o marido tinham assassinado sua autoestima afirmando que era “uma pobre e feia, mulher negra, nada mais,” e com isso ela introjetou essa imagem.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 2. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

COSTA, Ana Aline A. "O Movimento Feminista no Brasil: Dinâmicas de uma Intervenção Política". In: Labrys Estudos Feministas, jan/jul, 2005.

DEL PRIORE, Mary. (Org) História das mulheres no Brasil. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. Belo Horizonte. Nandyala. 2011

FERNÁNDEZ, G.T. (2001). "Mulheres, prisão e direitos humanos". In: Capítulo Criminológica. Instituto de Criminologia Venezuela: Maracaibo: Ediciones Astro Dados , v. 23, n. 1, pp. 335-358, enero/junio.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LIEBIG, Sueli Meira. A cor púrpura e Preciosa: histórias de rendição, rejeição e redenção. Tabuleiro de Letras, n. 4, jun de 2012. p. 1-19.

LISPECTOR, Clarice . Água Viva. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MATOS, Angélica Maria. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: a compreensão do professor do ensino fundamental I sobre as práticas pedagógicas. 2012.

MEIRELES, Cecília. Prisão. In: Darcy Mulheresceno (Org.). Poesias completas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1973. 8v.

ORLANDI, Eni Puccinelli. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PIRES, V. L. Discurso e relações de gênero: resistência e construção de outros sentidos. In: XV Encontro Nacional da ANPOLL, 2002, Niterói, RJ. CD-ROM SÍNTESE 2. Porto Alegre, 2000.

SAFIOTTI, H. (1999). *Gênero e patriarcado*. São Paulo: PUC-SP.

TIBURI, Márcia. Feminismo em comum: para todas, todes e todos. 3a. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, p. 81.